



Leitura semiótica de gênero e sexualidade

Semiotic reading of gender and sexuality

DOI: 10.55905/oelv21n9-075

Recebimento dos originais: 21/08/2023

Aceitação para publicação: 18/09/2023

Maria Aparecida Alves da Silva

Mestra em Educação

Instituição: Universidade Federal de São Carlos

Endereço: Rod. João Leme dos Santos, km 110, Itinga, Sorocaba - SP

E-mail: ma.alvis80@gmail.com

Hylio Laganá Fernandes

Doutor em Educação

Instituição: Universidade Federal de São Carlos

Endereço: Rod. João Leme dos Santos, km 110, Itinga, Sorocaba - SP

E-mail: hylio@ufscar.br

RESUMO

Este trabalho surge da necessidade de entender termos e definições no campo de Gênero e Sexualidade a partir de dúvidas surgidas durante a produção de material didático em quadrinhos para a discussão dessa temática com adolescentes. Termos idênticos apareciam referindo-se a coisas distintas, assim como termos diferentes para o mesmo conceito, em diferentes textos que consultamos, denotando uma falta de consenso nesse quesito; a proposta desse trabalho é analisar e definir termos utilizados nessa temática a partir do referencial da Semiótica Peirceana. O percurso analítico buscou identificar em que categorias e níveis dessa semiótica as áreas de constituição binária do ser humano (macho/fêmea, mulher/homem e feminino/masculino) se apresentam e ainda o que comunicam em relação a gênero e sexo. A forte marca simbólica da dualidade de gênero na nossa linguagem verbal, que constringe todas as coisas a masculino ou feminino, assim como outros símbolos determinados culturalmente que levam a construção de mulheres e homens desde antes do nascimento, parece determinar um caminho inevitável ao binarismo; contudo a ruptura dessa dualidade se dá no transpassar dos objetos dinâmicos homem/mulher, fortemente indiciados pela constituição ontológica, pelo canal simbólico do fetiche que dá sentido ao desejo sexual e também pelo universo das construções identitárias psicológico-afetivas, gerando combinações que particularizam múltiplas possibilidades.

Palavras-chave: gênero, análise semiótica, sexualidade.

ABSTRACT

This work arises from the need to understand terms and definitions in the field of Gender and Sexuality from doubts arising during the production of didactic material in comics for the discussion of this theme with adolescents. Identical terms appeared referring to different things, as well as different terms for the same concept, in different texts that we consulted, denoting a lack of consensus on this question; the proposal of this work is to analyze and define terms used in this theme from the reference point of Peircean Semiotics. The analytical path sought to identify in which categories and levels of this semiotics the areas of binary constitution of the human being (male/female, female/male and female/male) are presented and also what they communicate in relation to gender and sex. The strong symbolic mark of gender duality in our verbal language, which constricts all things to masculine or feminine, as well as other culturally determined symbols that lead to the construction of women and men from before birth, seems to determine an inevitable path to binarism; however, the rupture of this duality takes place in the passing of the dynamic objects man/woman, strongly indicated by the ontological constitution, by the symbolic channel of the fetish that gives meaning to sexual desire and also by the universe of psychological-affective identity constructions, generating combinations that particularize multiple possibilities.

Keywords: gender, semiotic analysis, sexuality.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu a partir de um Grupo de estudos para produção de material didático em quadrinhos que versa sobre a temática gênero e sexualidade, material destinado a promover informação aos adolescentes, proporcionando a possibilidade de compreender e discutir situações éticas no contexto desses temas tabu. À medida que avançaram na produção do material didático as dúvidas a respeito de determinados termos ligados a questões de gênero e sexualidade foram emergindo, daí, a necessidade de explorar significações culturais desses termos, como por exemplo, quais significados são mobilizados diante de: diversidade sexual, orientação sexual, identidade de gênero? Inicialmente foram definidos os termos que seriam trabalhados, pois há uma quantidade enorme de termos associados, que são criados e variam para justificar um estado do ser/estar que é transitório, mutável. Assim, decidiu-se partir da análise do sexo biológico do ser humano (binômio fêmea/macho), do gênero (representações associadas a masculino e feminino) e da sexualidade (identidade sexual). Para a análise desses conceitos tomou-se como referencial analítico a Semiótica Peirceana, com qual se buscou

verificar como esses conceitos eram expressos considerando as três categorias semióticas (primeiridade, secundidade, terceiridade), a partir de quais dessas categorias esses conceitos se mostravam presentes e a sua evolução, determinando os níveis de interpretação desses conceitos. Foi estabelecido como objetivo final verificar de que forma a semiótica Peirceana poderia contribuir para a compreensão desses termos. Para realização da Análise Semiótica tornou-se necessário verificar algumas definições dos conceitos associados a Gênero e Sexualidade partindo de autores que versam a respeito dessas questões, tendo como referencial Joan Scott, Guaciara Louro, Heleieth Saffioti, Judith Butler, entre outros.

2 EXPLORANDO AS DEFINIÇÕES DOS CONCEITOS DE SEXO BIOLÓGICO, GÊNERO E SEXUALIDADE

O ser humano a partir de seu nascimento se constitui dentro de esferas, nas quais, para buscar uma compreensão dessa constituição, pode-se entendê-lo como ser: biológico, social, cultural. Para Heleieth Saffioti (1995) “o conceito de gênero se situa na esfera social, diferente do conceito de sexo, posicionado no plano biológico” (Saffioti, 1995, p. 183).

O ponto de vista biológico relaciona-se ao organismo material, ao que foi “produzido naturalmente” (em oposição a uma construção cultural), à Biologia enquanto estudo da vida, do que é a ela relacionado, dos seres vivos, ou mais especificamente, da anatomia e fisiologia do ser humano, do organismo/corpo humano. Se biológico tem relação com o corpo humano, pode-se, portanto, relacionar ao sexo do ser humano, ou seja, sexo biológico, que refere-se às características anatômicas do ser humano, ou seja, características específicas que diferenciam fêmea e macho, sendo o aparelho reprodutor (fêmea = vagina, útero, trompas e ovários e no macho = pênis, saco escrotal, testículos, próstata) os principais elementos anatômicos, além de uma fisiologia e características sexuais secundárias advindas da produção hormonal. Pode-se usar nesse contexto o termo dimorfismo sexual, que caracteriza as diferenças físicas entre macho e fêmea de uma espécie. Assim, tem-se o sexo biológico macho e o sexo biológico fêmea. Mas, há também, mesmo no contexto estrito das ciências biológicas, o hermafrodita,

indeterminado, ou seja, indivíduos que não se diferenciam plenamente no binômio fêmea/macho.

Existe a premissa básica de que somos seres biológicos, há diferenças entre “fêmeas” e “machos”, e com a socialização crescente cria-se um espaço para atuar, relacionar, conviver socialmente. Em sociedade estabelecem-se culturalmente as relações humanas de parentesco, de pertencimento, de convívio, ou seja, padrões de interação social. Nesse convívio forjam-se as representações de masculino e feminino, importantes categorias dessa experiência cultural, sendo entendidas como “construções sociais, diferenças inventadas para caracterizar duas categorias fundamentais para nossa vida em sociedade” (Nanjari, 2009, p. 143)

E ainda, para Scott (1989), essas categorias vão servir para “articular regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência” (Scott, 1989, p. 15) sendo importante contudo lembrar que “as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos que a constituem” (Louro, 2003, p. 23).

Portanto, nesse contexto pode-se identificar o gênero como uma construção social, habitualmente associada aos quesitos da anatomia biológica, que exclui aquilo que não se enquadra nos polos fêmea/macho, e que tem arrastado consigo, sempre nessa construção cultural, atributos na dicotomia simbólica feminino/masculino, que por decorrência também ficam excluídas características que não se enquadrem nesses extremos. Daí é possível derivar que “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” (Scott, 1995, p. 86).

Essa relação binária mantém forte relação com a gramática da língua portuguesa “porque o uso gramatical implica em regras formais que decorrem da designação de masculino ou feminino” (Scott, 1989, p. 2), ou seja, gênero, na língua portuguesa, que não comporta o gênero “neutro”, refere-se às qualidades “masculinas” ou femininas” das coisas, traduzidas em palavras. Gênero pode ser incorporado, nessa lógica linguística, como um “conceito, uma categoria que permite entender melhor as representações sociais de masculino e feminino na prática social” (Nanjari, 2009, p. 143), e assim, discutir outras

possibilidades de existência simbólica em nossa cultura “significa colocar-se contra a naturalização do feminino e, obviamente, do masculino” (Louro, 2007, p. 207).

Essas representações de masculino e feminino, a exemplo de categorias importantes para se viver em sociedade, são atribuídas diferenças; essas diferenças nada mais são do que arranjos que servem para articular, estabelecer normas de conduta, nas quais as pessoas se beneficiam ou são manipuladas de acordo com interesses, situações, relacionamentos, Nanjarí (2009) pontua que:

A categoria de gênero ajuda a compreender como são usadas, no cotidiano, as imagens do masculino e do feminino. Ainda mais, serve para entender e explicar de que maneira as pessoas articulam essas representações, de acordo com o seu interesse, com a situação e com a relação em que se encontram (Nanjarí, 2009, p. 144).

Dentro dessa escala de diferenças atribuídas ao masculino e o feminino, que serve para denotar as relações de poder que, em nossa cultura, o homem, detentor da qualidade masculino, impõe sobre a mulher, a feminina, dentro das esferas de constituição do ser humano. Essas diferenças nas representações de feminino e masculino servem para reduzir e circunscrever a mulher, o feminino, dentro de uma incapacidade física e mental, limitada para realização de algumas atividades, atividades essas tidas como de “homens”, delimitando os espaços de atuação da “mulher”, que na maioria das vezes fica reduzida a atividades de subserviência, de passividade.

Ao nascer, constatada fêmea/menina e construindo-se mulher, é outorgado o título de “princesa” e junto com esse título vem todos os “não”, “não pode isso” “não pode aquilo”, todo um mundo de castração. A esse título de “princesa”, segue-se uma lista de qualidades femininas: maternidade, sensibilidade, mãe, dona de casa, sendo desde a infância influenciada a atender a essas características, direcionada a brincadeiras que simbolizam esse universo, brincadeira com boneca, brincar de casinha, de fazer comidinha, limpar a casinha, vestir os vestidos da mãe, calçar os sapatos de salto alto, imitar a figura feminina, sem falar que o espaço de atuação desde cedo lhe é reduzido, o lar. Ainda bebê lhe é apresentado um mundo, todo cor de rosa, cheio de babados, fitas, rendas, fru-frus, laços, simbolizando a delicadeza que é outorgada ao feminino.



Por outro lado, o masculino é associado à masculinidade, a virilidade, bruto, guerra, provedor, desde pequenos já reconhecem que pertencem ao grupo que detêm o poder, desde cedo comandam as brincadeiras, são direcionados a brincadeiras violentas, de competição, como brincar de bola, lutas, carrinho de corrida, suas brincadeiras são fora do lar, como símbolo de busca pelo poder, de caçar o sustento, de serem destemidos, de que sua atuação está fora do lar. A partir dessas convenções a “nomeação do sexo é um ato performativo de dominação e correção que institui uma realidade social” (Araújo, 2011, p.36).

E nesse ambiente de construção dos gêneros, a sexualidade vai sendo modelada, construída de maneira que o impulso inato do desejo atenda a regulações de comportamentos. Nesse contexto, entende-se a sexualidade como algo muito amplo, como uma energia que pulsa ligada ao ser, a pulsão desejo, e não somente ao que superficialmente é a ela associada, ao coito (a relação sexual em si) ou ao orgasmo. O conceito de pulsão aqui evocado é aquele definido por Freud (1915) no texto “Pulsões e Destinos da Pulsão”:

A “pulsão” nos aparecerá como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como representante psíquico dos estímulos que provém do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo (Freud, 1915, p. 148)

Nessa perspectiva, “a sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia, como com o corpo”, sendo impossível compreender a sexualidade observando apenas seus componentes exteriores, uma vez que esses “ganham sentido através de processos inconscientes e formas culturais” (Louro, 2003, p.21). Portanto, a sexualidade se constitui a partir de diferentes discursos sobre o sexo, discursos esses criados para regular, normalizar, produzindo saberes e verdades; uma história da sexualidade só foi passível de compreensão a partir de concebê-la como uma ‘invenção social” (Foucault, 1988, p. 26), ou seja, o “pulso sexual” biológico, o desejo, é transfigurado, modelado, reinventado pela imposição cultural.



Santos (2010) afirma que se pode dizer que a pulsão se apresenta tanto no psíquico quanto no corpo, mas não especificamente em um só. A pulsão é aquilo que do corpo afeta o psíquico exercendo pressão como uma força contínua. A partir de estímulos do corpo, de maneira intensa, impulsionando o psíquico, portanto, estímulos internos e deve-se entender que não são as pulsões exatamente que agem e sim suas representações sob a forma de afetos. Assim, entende-se que na relação com outros indivíduos tem-se as primeiras representações que farão com que a pulsão seja satisfeita, impulsionando a buscar outros objetos para satisfazer. A sexualidade se inscreve nas vivências, no exercício dessa sexualidade que pode ser de inúmeras maneiras, “viver seus desejos e prazeres corporais” (Louro, 2003, p. 26). Gayle Rubin (1989), afirma que a sexualidade se constitui também de política, e que em determinados períodos da história se torna mais evidente esse domínio da vida erótica. Nas palavras da autora:

El reino de la sexualidad posee también su propia política interna, sus propias desigualdades y sus formas de opresión específica. Al igual que ocurre con otros aspectos de la conducta humana, las formas institucionales concretas de la sexualidad en cualquier momento y lugar dados son productos de la actividad humana. Están, por tanto, imbuídas de los conflictos de interés y la maniobra política, tanto los deliberados como los inconscientes. En este sentido, el sexo es siempre político, pero hay períodos históricos en los que la sexualidad es más intensamente contestada y más abiertamente politizada (Rubin, 1989, p. 2)

Para Seffner (2003) a sexualidade pode ser entendida como o “modo como os indivíduos organizam e valorizam as questões relacionadas à satisfação do desejo e do prazer sexual” (p. 102). Essas questões relacionadas à satisfação do desejo, e especificamente do prazer sexual, são questões ligadas diretamente à constituição das identidades sexuais, aqui entendidas como a direção ou inclinação do desejo, que pode ser direcionado a parceiros (as) do mesmo sexo, sexo oposto, ambos os sexos ou a ninguém, essas “identidades sexuais são constituídas pela maneira como vivem sua sexualidade” (Louro, 2003, p. 26) e ainda “as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento”, portanto, “as identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e passíveis de transformação” (Louro, 2003, p. 27). Desse modo entende-se que as identidades sexuais são transmutáveis, se formam

continuamente, permanecem inacabadas ao longo da vida. Desse processo contínuo de formação de uma identidade sexual, os sujeitos vão criando termos para justificar um ser/estar de suas práticas sexuais, sua sexualidade, que pode transmutar de diversas maneiras ao longo da vida. Dentre esses termos, tem-se: heterossexualidade, atração afetiva ou sexual pelo sexo oposto, o que a sociedade quer fazer crer que seja o natural; a homossexualidade, atração sexual ou afetiva pelo sexo igual a si próprio; bissexualidade, atração afetiva ou sexual por ambos os sexos e ainda, assexualidade, não sente atração sexual por nenhum dos sexos. “Os assexuados não tomaram tal decisão, eles simplesmente não possuem desejo sexual, e não se importam com isso” (VEIGA, s.a.). Dessa maneira, fica claro o entendimento das definições dos conceitos aqui abordados, surgindo à necessidade de uma breve apresentação de como a Semiótica se estrutura e funciona para partir para a análise desses conceitos.

3 BREVE APRESENTAÇÃO DA SEMIÓTICA ENQUANTO MÉTODO ANALÍTICO

Semiótica “é a ciência que tem por objeto de estudo todas as linguagens possíveis” (Santaella, 1983, p. 2), criada por Charles Sanders Peirce, tem suas bases oriundas da fenomenologia, campo que busca compreender como se apreende qualquer tipo de coisa que possa aparecer à mente, desde as coisas mais simples, como uma sensação tátil, os sons, as imagens da natureza ou mesmo uma imagem gráfica, até a complexidade das coisas abstratas, sentimentos, lembranças.

Assim, o objetivo principal da Semiótica é o exame dessas formas de construção dos fenômenos enquanto “fenômenos de produção de significação e de sentido” (Santaella, 1983, p. 2). Para tanto, se faz necessário dar algumas definições de alguns conceitos que foram utilizados aqui, a começar pela definição de signo. Na definição de Santaella (2008);

Signo pode ser toda e qualquer coisa de qualquer espécie (uma palavra, um livro, uma biblioteca, um grito, uma pintura, uma pessoa, etc.) que possa representar outra coisa, que leva o nome de objeto do signo, produzindo um efeito interpretativo em uma mente real/potencial, chamado de interpretante do signo (Santaella, 2008, p. 8).

Portanto, objeto do signo é qualquer coisa de qualquer espécie, está nessa posição porque é representado pelo signo, sendo assim, o que pode definir o signo, o objeto e o interpretante são sua posição com relação ao processo representativo.

Um signo, ou *representamen*, é aquilo, que sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez, um signo mais desenvolvido. Ao signo criado, denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência ao tipo de idéia que eu, por vezes, denominei *fundamento* ou *representamen*. (Peirce, apud: Santaella, 1995, p. 23)

A partir desses elementos têm-se as categorias de significação, ou níveis de análise, denominadas por Peirce de: primeiridade, secundidade e terceiridade. Na primeiridade o signo fundamenta-se na qualidade que ele exhibe, ditos quali-signos, que opera no plano das sensações e sensibilidades, como a percepção de uma criança que ainda não é capaz de saber o que tem diante de si. Na secundidade, o signo fundamenta-se no caráter de existente, os sin-signos, o lugar que ocupa seu ambiente de inserção, o contexto existencial, concreto, ou seja, o suporte. Na terceiridade o signo fundamenta-se nos aspectos de leis, normas, regras, na escrita textual, no caráter de símbolos, os legi-signos.

Quanto ao objeto, pode ser classificado em objeto dinâmico e objeto imediato. O objeto dinâmico pode ser entendido como quando falar algo se pronuncia uma frase que faz referência a algo, fala de alguma coisa que remete a uma determinada situação ou estado das coisas, há uma contextualização, esse algo que é reportado é o objeto dinâmico. O objeto dinâmico apresenta-se em três partes; abstrativo, concretivo e coletivo; Objeto imediato é a maneira pela qual o signo representa, indica, evoca, sugere, se assemelha aquilo que ele refere. Tem-se acesso ao objeto dinâmico através do objeto imediato. O objeto imediato se divide em três partes, que podem ser descritivos, designativos e copulantes. Agora, como funcionam essas divisões do objeto dinâmico e do objeto imediato. Veja, quando o objeto imediato for descritivo, o objeto dinâmico será uma possibilidade e o signo em si será abstrativo; se o objeto imediato for designativo, ou seja, quando dirigir a mente do intérprete para o objeto dinâmico, portanto, este será uma

ocorrência, algo existente, um acontecimento atual do passado ou futuro, o signo será concreto; e se o objeto imediato for copulante, ou seja, mostrar relações lógicas, então, o objeto dinâmico será necessitante, com características generalizadas, o signo será um coletivo.

E chega-se, ao interpretante, que é o efeito produzido na mente do intérprete, constituindo-se em um novo signo, segundo Santaella (1995);

O interpretante realiza o processo da representação, ao mesmo tempo em que herda do signo o vínculo da representação. Herdando esse vínculo, o interpretante gerará, por sua vez, um signo- interpretante que levará à frente, numa corrente sem fim, o processo de crescimento. (Santaella, 1995, p. 44)

O interpretante imediato produz uma possibilidade de significação do signo. Quanto ao interpretante dinâmico, gera uma interpretação baseada nos fatos empíricos, nos resultados atingidos pelo entendimento, aqui, ele divide-se em três tipos; emocional, energético e lógico. E, por fim, tem-se o interpretante final, que é o interpretante em devir, pois, serão as futuras interpretações, na relação do signo com as transformações ocorridas no contexto, portanto, uma interpretação em aberto. Para essa análise seguiu-se um percurso que foi apresentado por Ferreira (1997) citado por Santaella (2008):

A característica fundamental do percurso de uma análise semiótica é que seus passos buscam seguir a própria lógica interna das relações do signo. Essa lógica, aliás, já está explicitada nas numerações de 1, 2, 3 que seguem a lógica das categorias. Assim, o fundamento signo, em nível 1, deve ser analisado antes da relação do signo com o objeto, nível 2. O objeto imediato, nível 2.1, deve anteceder o exame do objeto dinâmico, nível 2.2, e assim por diante. É claro que, na percepção, todos esses níveis sempre se misturam, mas o percurso analítico, que é um percurso autocontrolado, e tanto quanto possível autocriticado, deliberadamente estabelece passos para a análise (pp. 41-42).

Ao dar início a qualquer análise pautada no referencial da Semiótica é de suma importância, deixar-se afetar pela experiência fenomenológica, abrir os olhos da alma, deixar-se invadir pelo estado de contemplação, penetrando-se e perdendo-se dentro desse estado. Mas, antes de iniciar com a análise, torna-se necessário justificar que nem todos os conceitos foram utilizados aqui, isso porque nem todos os conceitos semióticos podem aparecer em uma mesma análise, pois, eles serão acionados à medida que o analisador

achar necessário ou quão profundo queira se chegar com a análise, o que se quer desvelar com a análise. Assim, algumas análises tomam o percurso à risca e outras seguirão de forma livre. (Santaella, 2008)

4 ANÁLISE DO PODER SUGESTIVO, INDICATIVO E REPRESENTATIVO DO SEXO BIOLÓGICO, DE GÊNERO E DA SEXUALIDADE

Para realizar as análises foram definidos os termos a serem trabalhados, compreendendo três áreas nas quais o ser humano se constitui: o biológico, o psicológico e o social/cultural. A primeiridade associa-se aos impulsos sexuais/desejo, a pulsão primordial que não assume ainda uma forma definida; a secundidade relaciona-se com o concreto, material, o corpo humano e os órgãos sexuais, pênis e vagina; e a partir do início da relação entre o sexo e o gênero, da evolução desse corpo humano e seu contexto, compreendendo o círculo familiar como o seu primeiro espaço de constituição, e os círculos sociais e midiáticos que passam a constituir fontes de influência ao longo da vida, vai se constituir a identidade sexual, o nível simbólico da terceiridade, a sexualidade atrelada e constituinte do contexto sócio/histórico/cultural.

Na primeiridade, o signo fundamenta-se na qualidade, ainda não se define o que ele é, há apenas o anúncio de uma revelação, mas não sua manifestação. Nesse nível o ícone é um quali-signo, algo sob contemplação. Na primeiridade pode-se localizar a sexualidade, entendendo-a como energia que impulsiona ao desejo, a pulsão freudiana, a abertura como uma possibilidade ao interpretante imediato, ou seja, apenas uma possibilidade de significação do signo, sem materialidade.

Na secundidade, quando o signo fundamenta-se no caráter de existente, o que é singular, apresenta-se o material: estar diante de um corpo humano biologicamente constituído, com órgãos sexuais, pênis ou vagina, ou mesmo um corpo sem definição sexual: nesse momento são essas as características que os diferem. Pode-se submeter esse objeto a um exame, contemplá-lo, examiná-lo no plano das sensações e sensibilidade. Olha-se para o objeto, um corpo humano adulto, o que vê? Suas formas físicas, braços, pernas, tronco, pescoço (liso ou com pomo-de-adão?), peito, seios (desenvolvidos ou atrofiados?), genitais (pênis, vagina...); traços delicados ou fortes, penugens (curtas,

longas, grossas, finas, cacheadas ou lisas), a musculatura, o desenho das curvas arredondadas, a carne firme ou flácida, a textura da pele, macia ou grossa; cheiros, odores delicados ou fortes, substâncias químicas misturadas aos odores naturais; sons, vozes graves, agudas, timbres distintos. O lugar que o corpo humano ocupa em seu ambiente de inserção, seu contexto existencial. Aqui o intérprete se identifica, estabelece uma relação de identificação com o corpo, estabelece a materialidade do sexo a partir de um órgão genital, que pode ser um pênis ou uma vagina (mais raramente, intersexo), macho quem tem o pênis, fêmea a vagina; mas também a partir de características sexuais ditas secundárias: em grande parte dos casos o intérprete é capaz de definir o sexo mesmo sem a visualização da genitália. Em nível de secundidade há um corpo material que nasceu com determinadas características físicas e fisiológicas, mas que ao crescer evoluiu, construiu-se na cultura, desenvolveu-se na psiquê.

O que vai determinar a evolução desse corpo será o contexto em que se constituirá inicialmente no círculo familiar, depois no contexto social mais amplo. Entenda-se familiar como o círculo primeiro de constituição humana, que não necessariamente é a família tradicional, mas um espaço-tempo que vem a ser a primeira referência de regras, normas ou padrões. Quando a mãe, grávida, descobre o sexo biológico (macho/fêmea), a partir do órgão genital que é mostrado no ultrassom, diz-se “é menina/menino”. Portanto este, o órgão genital, é índice, o que vai indicar/determinar o sexo, biologicamente falando. A essa menina/menino, que é como se refere ao ser humano fêmea e macho jovens, ainda estabelecido no que se convencionou dizer nível semiótico da secundidade, na relação com a cultura vão ser inculcadas as marcas de gênero: à menina vão ser atribuídos características de feminina, e ao menino a masculina.

Os comportamentos para cada gênero, no contexto simbólico da terceiridade, vão sendo definidos e impostos: a mulher é castrada, desde cedo lhe ensinam que é proibido manipular seu órgão sexual, que deve se sentar de pernas fechadas, que mulher não deve se oferecer, tomar a iniciativa, “mulher não escolhe, espera ser escolhida”, que existe “mulher para se divertir” e “mulher para se casar”; o homem, desde menino não é reprimido ao manipular seu órgão sexual, é cobrado, até mesmo dentro do círculo familiar, a ter relações sexuais: o homem é incentivado ao prazer. Na construção

simbólica estabelecida culturalmente fêmeas tornam-se femininas, tornam-se mulheres e machos tornam-se masculinos, tornam-se homens. Os legi-signos que regem conceitualmente normas sociais podem compreender o espaço sócio/histórico/cultural definido por regras ou padrões de comportamentos, convivências, vestimentas, no qual o sujeito aprende a se adequar (ou não) para viver em sociedade. Mas entre as marcas concretas da secundidade, que determinam certas características físicas, e as imposições socioculturais da terceiridade, que pretendem estabelecer papéis definidos a esses corpos, existem as pulsões da primeiridade.

A partir da natureza simbólica dos signos associados ao feminino/masculino, gestados numa linguagem binária que não comporta nenhuma alternativa às representações de gênero, fixam-se atributos dentro dessa polaridade, vinculados, em nível segundo, aos índices macho/fêmea, transpassados pelo símbolos homem/mulher ontologicamente constituídos. O índice pênis associa-se ao símbolo homem, e vagina à mulher. Mas fogem desse nível simbólico identidades sexuais que se referem ao desejo. A combinação dos desejos sexuais pelo semelhante, pelo oposto, por ambos ou por nenhum, que se manifestam na forma de pulsões no nível primeiro e ganham forma no nível segundo da materialidade no corpo desejado, gera um quadrilho no nível terceiro, dos conceitos legitimados socialmente, normas que organizam o mundo: heterossexual, homossexual, bissexual e assexual. Essas possibilidades transpassadas pela marca indicial do objeto dinâmico mulher/homem geram os signos “lésbicas” e “gays” na categoria homossexual, mas ainda escapam a outras configurações trans e inter gêneros.

As marcas de gênero, símbolos-referência, aprisionadas em um binarismo que tem na própria língua uma limitação expressiva, constroem nas atitudes de mulheres/homens outros atributos simbólicos: o feminino passivo e acolhedor e o masculino ativo e provedor. O binarismo povoa-se de polos diferenciadores: as cores-símbolo rosa/azul que bombardeiam os bebês desde mesmo antes do nascimento, as brincadeiras adequadas para meninas e meninos, as atitudes condizentes: pretende-se a construção de fêmeas mulheres femininas e machos homens masculinos, porém as pulsões, que operam no nível de primeiridade, desejo puro e sem forma, transgridem essas normas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Méllo (2012) diz que nos tornamos humanos com uma biopolítica de gerenciamento de nossas vidas/corpos, que se incomoda com a impossibilidade de não podermos dar uma resposta final em relação à “definição sexual” (Méllo, 2012, p.205) e nesse aspecto Scott (1989) coloca que: “a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se, os dois, parte do sentido do poder, ele mesmo. Colocar em questão ou mudar um aspecto ameaça o sistema por inteiro” (Scott, 1989, p. 27). Assim como Rubin (1989) pontua que; “igual que el género, la sexualidad es política. Está organizada en sistemas de poder que alientan y recompensan a algunos individuos y actividades, mientras que castigan y suprimen a otros y otras” (Rubin, 1989, p.56), portanto, a ruptura binária torna-se um processo difícil, mas não impossível, Butler (2008) é quem sinaliza com uma possibilidade que reside na desconstrução das identidades fixas. E assim, não seria necessária a criação de mais termos para justificar o ser/estar do ser humano.

A semiótica pode contribuir na discussão desses conceitos ligados a gênero e sexualidade na medida que permite situar em que níveis essas significações acontecem. Por meio do percurso analítico foi identificado que as áreas de constituição binária do ser humano, em níveis da semiótica, se situam no nível concreto da secundidade (macho/fêmea) e se estabelecem por consensos culturais construídos simbolicamente no nível de terceiridade (feminino/masculino), gerando uma síntese, sempre no nível simbólico, de mulher/homem que deveria seguir a ordenação fêmea-feminina-mulher e macho-masculino-homem, mas são transpassados em nível de primeiridade pelos desejos, que subvertem essa ordem legitimada socialmente. Considerando portanto o nível da qualidade, o desejo puro, a pulsão elementar que se manifesta no nível de primeiridade, rompe-se a delimitação cultural da dualidade de gênero, que encontra respaldo e guarida em nossa língua português-brasileiro, na qual todas as coisas são constrictas a serem femininas ou masculinas. Todo o universo simbólico estruturado no binarismo é trespassado pelo universo das construções identitárias psicológico-afetivas, que se sustentam nas pulsões inatas à psiquê, e geram combinações que particularizam múltiplas possibilidades. Dessa maneira, pode-se pensar que nada é definitivo, que nada está



acabado e pronto e que as coisas devam ser de tal maneira, principalmente, ao pensar que o ser humano é mutável e, portanto, essas construções são transitórias.



REFERÊNCIAS

Araujo, J. Bueno de. A desconstrução dos processos identitários dos gêneros sexuais em Judith Butler. *Revista Multidisciplinar da UNESP- Saber Acadêmico*, n. 11, jun. 20011/ISSN 1980-5950

Butler, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

Freud, S. (1915). Pulsões e destinos da pulsão. In: *Edição standart das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Louro, G. L. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista*. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez./2007.

Méllo, R. P. Corpos, heteronormatividade e performances híbridas. *Psicologia & Sociedade*, 24 (1), 197-207, 2012.

Nanjari, Cecilia C. Gênero como categoria de análise para desvendar a violência contra as mulheres. *Revista Caminhando*, v. 14, n. 2, p. 141-151, jul./dez. 2009.

Rubin, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoria radical de la sexualidad. Em: VANCE, Carole S. (Comp.) *Placer y peligro: Explorando la sexualidad femenina*. Ed. Revolución, Madrid, 1989. pp. 113-190.

Saffioti, Heleieth e Almeida, S.A. *Violência de gênero*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

Santaella, L. *O que é Semiótica?* São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *A teoria geral dos signos: semiose e autogeração*. São Paulo: Ática, 1995.

_____, L. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

Santos, Andréia T. dos. *Desejo e sexualidade na constituição do conhecimento*. Faculdade de Educação da USP. São Paulo, jul./2010. a09n8.pdf.

Scott, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Trad. Christine R. Dabat & Maria Betânia Ávila. Nova Iorque, Columbia University Press, 1989.

Seffner, Fernando. *Derivas da Masculinidade: Representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual* (tese de doutoramento). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação UFRGS. Porto Alegre, 2003.